

DOMINGOS SOARES FERREIRA PENA

NATURAL de Oliveira, que pertencia ao município de Mariana, DOMINGOS SOARES FERREIRA PENA orçava por 24 anos de idade, quando em sua província mineira a exaltação liberal saiu a campo, disposta a sustentar pelas armas o programa que desfaldara. Comungando nos mesmos ideais dos revolucionários de Santa-Luzia, o mineiro, nascido a 6 de junho de 1818, jamais desprezaria as suas idéias, que lhe causariam a perda do lugar de oficial maior da Secretaria da Assembléa Provincial, o fechamento do jornal — O Apóstolo — em que se devotou à propaganda republicana e, por ventura, a mudança para Belém, onde se manifestaria outra modalidade de sua vocação.

Em 1858, exerce o cargo de secretário do governo do Pará, que o impeliu a examinar os problemas regionais.

Antes, era apenas o jornalista que estudara humanidades no Seminário de sua cidade natal, e cogitava de aplicar os ensinamentos de leituras políticas em benefício do povo.

Transfigurava-se, pela dedicação ao trabalho e correção do proceder, no colaborador prestimoso da administração provincial, como reconheceram diversos presidentes, quando não se deixavam empolgar pelas injunções partidárias.

Mas daí não lhe resultaria maior glória, se as circunstâncias não o impelisses a atividades mais acordes com as suas preferências.

Ainda secretário, apresentou, em relatório de 1864, o escrito acêrca de O Tocantins e o Anapu.

De maior valia é A Região Ocidental da Província do Pará que traz por sub-título: "Resenhas estatísticas das comarcas de Óbidos e Santarém, apresentadas a S. Ex. o Sr. Conselheiro JOSÉ BENTO DA CUNHA FIGUEIREDO, Presidente da Província por D. S. FERREIRA PENA e publicadas por ordem do governo — Pará 1869".

De princípio, declara que se achava em Óbidos, retido por afazeres de outra ordem, quando a Presidência lhe recomendou "procurasse conhecer e estudar o estado e condições das localidades por onde tivesse de transitar, coligindo todos os dados estatísticos que interessassem à administração".

O objetivo, inspirado no immediatismo da utilização governativa, ampliar-se-ia pelo critério do explorador, que lhe imprimia o cunho geográfico, apesar das dificuldades encontradas.

Primeiramente, da carência de meios de transporte, pois que os caboclos invariavelmente lhe respondiam ao convite: — "não posso, patrão".

Final, conseguindo o concurso de remeiros para a galeota alugada, começa a proveitosa peregrinação em Óbidos, de aspecto "aprazível e mais pitoresco".

"A sua situação, acrescenta, sôbre a face oriental da colina e os ventos quase constantes que vindos de E. modificam os efeitos de sua elevada temperatura, à qual, todavia, guarda a média entre 28° e 30°, dão-lhe condições vantajosas de salubridade, de que nas margens do Amazonas não se encontra outro exemplo senão em Monte-Alégre".

E depois de mencionar informes relativos à indústria, depõe: "O seu pôrto, talvez o mais importante do comércio do Amazonas, é mui freqüentado de canoas e barcos de vela; é escala dos vapores da 1.ª linha da Companhia do Amazonas que nêle tocam quatro vêzes por mês nas suas viagens redondas, e ponto terminal duma linha mensal de navegação da mesma companhia contratada ultimamente com a Província. Trinta canoas, chamadas de regatões, além de outras menores estão em giro contínuo pelos rios e lagos, empregando-se no tráfico dos gêneros dos municípios e dos de alguns distritos vizinhos, ou navegando entre o seu pôrto e o de Belém".

Ao tratar da agricultura e pecuária, esclarece:

"No município há 40 fazendeiros com 10 600 cabeças de gado, inclusive a produção que é calculada na proporção de 25%".

"Os campos ao S.O. do lago Sapucaia, os de Mariapixi, e os do lago Grande, são os que contêm maior quantidade de gado, por serem também os melhores pastos do município".

Estavam, porém, sujeitos às alagações periódicas, de que resultavam prejuízos incalculáveis.

Assim, "a grande cheia de 1859 produziu tão grandes estragos no gado que fazendeiros que então possuíam 5 a 6 000 reses, não contavam, depois dela, senão 100 a 300. Foi, dizem os habitantes, um verdadeiro dilúvio que caiu sôbre os campos de criação. Muitos criadores abandonaram a indústria, persistindo nela o maior número, mas sempre com o temor da reprodução daquela calamidade".

E ao lembrar a origem da localidade, indica-lhe a causa predominante:

"A cidade de Óbidos tem uma origem militar, a sua existência é devida ao fato de passar o Amazonas todo ali por seu estreito canal".

Assim enfeixava FERREIRA PENA, em períodos sintéticos, o resultado de suas investigações, tão minudenciosas quanto possível para um só pesquisador, atuando em condições precárias, na pior quadra, maltratado pelos mosquitos.

Faro, em seguida, Maraca-uau, Alenquer, Santarém, mereceram a mesma atenção indagadora, com que lhes examinou a situação, as condições climáticas, a agricultura, o desenvolvimento cultural e econômico, a história de sua fundação, em amplo inquérito.

Assim foi que, ao descrever famoso acidente, esclareceu:

"Com o nome de lago Grande de Vila-Franca ou com o pouco vulgar mais muito significativo, de lago Grande-das-Campinas, se designa especialmente a mais extensa bacia d'água doce que se encontra na região amazônica da província do Pará.

Esta parte é quase completamente desconhecida dos geógrafos, e, se me não engano, também da administração".

Por isso, resolveu examiná-lo pessoalmente.

"Quatro furos ou canais dão, durante o inverno, entrada para o lago Grande ou, para exprimir-me com exatidão geográfica, para as campinas que o precedem do lado ocidental.

Estes furos que em sua marcha do Amazonas às campinas atravessam uma floresta gigantesca com extensão de 5 a 8 milhas, são:

O Curumucuri, o Irateua e os dois Muiratubas.

O igarapé Piraquara forma a cabeceira do lago Grande que pouco adiante, "toma as proporções dum vasto rio, largo como o próprio Amazonas, mas sem outro movimento sensível que não seja o do jôgo dos ventos que perturbam sua superfície. Este lago que até a sua foz no Amazonas, não tem menos de 40 milhas até a ponta dos Campos, onde a margem norte desaparece no horizonte, divide as terras altas e férteis que lhe ficam à direita, das campinas niveladas, à esquerda, cortadas pelo igarapé das Fazendas e salpicadas, somente durante o inverno, de uma infinidade de lagos de todas as dimensões, desde 20 metros até 8 milhas de extensão".

Embora não seguisse os padrões de análise regional, modernamente sistematizada pelos geógrafos, define com segurança as características fisiográficas e econômicas dos municípios examinados, consoante os processos que ainda repetiria em Notícia geral das comarcas de Gurupá e Macapá (1874), e A ilha de Marajó (1875).

Assim lhe definiu as características:

"A ilha de Marajó é a maior que existe na costa oriental do Brasil e de toda a América Meridional.

"Está situada entre o Oceano Atlântico e os rios Pará e Amazonas, sendo ao S.O. separada do continente por diversos canais naturais ou furos, pelos quais se comunicam as águas dos dois grandes rios.

"A costa do norte, denominada Contracosta, corre de E. a O., quase paralela à linha do equador, da qual se aproxima até 7 milhas, e sua extensão nessa direção, da ponta do Maguari à boca do furo Cajuuna, que a limita do lado ocidental, é de 143 milhas geográficas, não excedendo de 89 de N. a S."

Indicou-lhe uma linha de divisão natural, de que se valeria GOELDI, ao versar o mesmo assunto.

"Uma linha aproximada à diagonal, tirada da boca do Cajuuna no extremo norte da costa à foz do Atua, fronteira à barra do Tocantins, divide a ilha em duas seções naturais e quase iguais; a de S.O., que é a menor, é toda coberta de matas; na de N.E. tudo é campos, mais ou menos ornados de grupos de árvores a que se dá o nome de ilhas".

Na primeira, a abundância de seringais facilitou a extração da borracha, ao passo que na outra "estão as fazendas de criação, em número de 250, entre grandes e pequenas, compreendendo todas o número máximo de 300 000 cabeças de gado bovino".

No tocante à terminologia regional, indicou o termo baixas, aplicado às depressões alagadiças em campo, para diferenciar de igapós, quando cobertos de mata, e mondongos, correspondentes a baixas extensas, a que não faltassem atoleiros, "de ordinário ocultos sob a espessura de plantas palustres".

Maior atenção, porém, dedicou ao exame das condições de trabalho do homem naquelas paragens, ao seu regime alimentar, às atividades econômicas, a principiar da pecuária, que, pela metade do século XVIII, já se avolumava sobremaneira, distribuída pelas fazendas dos Merceários (80 000 reses), dos jesuítas (60 000), dos carmelitas (18 000), além das particulares.

E particularizando os aspectos de cada localidade, ultimou o seu ensaio, ainda recentemente reeditado como fonte segura de informações.

Ao tempo de sua excursão, já figurava entre os naturalistas viajantes do Museu Nacional, ao qual enviava os seus escritos atinentes à etnografia e arqueologia.

Breve notícia sobre os sambaquis do Pará (Arquivos do Museu Nacional, vol. I), Apontamentos sobre os cerâmicos do Pará (id. vol. II), Algumas palavras da língua dos Aruaás, (vol. IV), índios de Marajó (vol. VI), provam a derradeira modalidade de suas indagações, que já não se restringem aos assuntos exclusivamente geográficos.

Empolgado pelas descobertas de arte indígena, que exumou dos mounds, por ele denominados cerâmicos, proporcionou opulento material de estudo aos especialistas, como HARTT, DERBY, STEERE, SMITH, que lhe prezavam o saber e cooperação.

Ao tino do pesquisador revelou a cerâmica marajoara a opulência dos seus trabalhos artísticos.

Impelido pelo entusiasmo a tais estudos, promoveu a fundação, em abril de 1867, do "Museu", de princípio mantido pela "Sociedade Filomática" e afinal encampado pelo governo da Província, que não tardou a reduzi-lo a simples dependência do Liceu Paraense.

Data dessa época a publicação, em folheto, da Correspondência Oficial entre S. Ex. o Sr. Barão da VILA DA BARRA, Presidente da Província do Pará e o Ex-Encarregado do Museu Paraense, D. S. FERREIRA PENA, na qual ressurgiu o polemista, ponderado, mas certo no alvo em que levava a mira.

Desse escrito, diria JOSÉ VERÍSSIMO: "É um modelo de polêmica cortês, espirituosa e digna de um funcionário subalterno, mas consciente sem fatuidade do seu valor, com uma alta autoridade que, apesar do real merecimento que tinha, a filúcia de posição tornou um momento ridículo".

Daí por diante, não mais serviria à administração provincial, embora ainda trabalhasse para o Museu Nacional e por conta própria, na revisão dos ensaios geográficos e também cartográficos, de cuja publicação trataria mais uma vez.

A carência de recursos, porém, não lhe permitiu rematar, e menos ainda, editar o Atlas geográfico, histórico e estatístico da Província do Pará, como ideara, para enfeixar em uma só obra a síntese de suas observações e pesquisas.

Se não logrou ultimar quanto desejava, bastam, entretanto, as monografias, que trouxe a lume, para lhe atestar a segurança dos ensaios legados aos estudiosos, especialmente quanto aos aspectos geográficos de várias regiões do Pará, onde se deixou ficar, até baquear, a 6 de janeiro de 1888.

Bem mereceu que o Instituto Histórico o admitisse entre os sócios correspondentes, a 18 de maio de 1877, nem como a American Geographical Society, de New York.

Publicista, de princípio, geógrafo, historiador, naturalista, freqüentaram o seu refúgio modesto, mas opulento de informações relativas ao Pará, quantos desejavam conhecer as peculiaridades amazônicas, de que em seu tempo foi o mais arguto sabedor, como testemunharam os sábios estrangeiros, que não recorreram em vão ao colaborador probo e pontual em suas afirmativas, sempre solícito em atender às indagações de seus admiradores e consulentes.

VIRGÍLIO CORRÊA FILHO



D. S. Ferreira Penna,